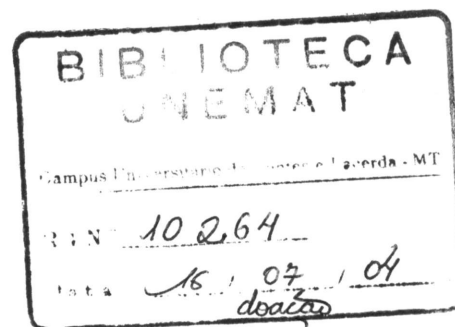


ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

A LEITURA NA ESCOLA: UMA ANÁLISE SOBRE ALGUNS FATORES QUE
DIFICULTAM A FORMAÇÃO DO SUJEITO LEITOR NA ESCOLA

Márcia Ponte da Cruz



PONTES E LACERDA-MT

2004

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

A LEITURA NA ESCOLA: UMA ANÁLISE SOBRE ALGUNS FATORES QUE
DIFICULTAM A FORMAÇÃO DO SUJEITO LEITOR NA ESCOLA

Ensaio Monográfico apresentado a
UNEMAT/Campus de Pontes e
LACERDA, como requisito final do
curso de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Professora Tereza Pazos
da Silva

PONTES E LACERDA-MT

2004

Dedico esse ensaio monográfico aos meus pais que, mesmo apesar da distância, sempre foram essenciais em todas as ocasiões de minha vida.

Ao amigo Zenil Ayala pela força nos momentos difíceis e em especial a querida amiga Jalma Parreira pela dedicação e amizade sincera.

Agradeço primeiramente a Deus pela força e por tornar possível as minhas realizações.

A professora Tereza pela orientação e amizade.

A amiga Fabiana Sedlmaier pelo apoio fundamental e a quem devo a digitação deste ensaio monográfico.

Aos que contribuíram direta ou indiretamente na minha trajetória acadêmica.

E finalmente a todos os amigos que considero como parte de minha família: Eder Redez, Josiel, Gilmar e toda a família Albertoni.

Obrigada.

Ao professor cabe a tarefa de despertar no educando uma atitude crítica diante da realidade em que se encontra inserido, preparando-o para *ler o mundo*: a princípio, o *seu* mundo, mas, daí em diante, e paulatinamente, *todos* os mundos possíveis.

Ingedore Grunfeld Villaça Koch

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1	10
CAPÍTULO 2	14
CAPÍTULO 3	18
CAPÍTULO 4	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
BIBLIOGRAFIA	31
ANEXOS	34

APRESENTAÇÃO

O presente ensaio monográfico tem por objetivo analisar alguns fatores que dificultam a verdadeira formação de sujeitos leitores. O interesse pelo tema surgiu no decorrer do curso de Letras e também durante experiências em sala de aula, onde foram encontradas diversas dificuldades com relação à atitude mais apropriada para alcançar os resultados esperados com relação à leitura.

No âmbito escolar percebemos que os alunos se afastam e se desinteressam pela leitura e é justamente neste ponto que questionamos a prática pedagógica, o ensino, o incentivo da leitura em sala de aula e as propostas de ação que podem levar os alunos a se tornarem *leitores competentes*. Investir na formação de leitores que verdadeiramente sejam capazes de olhar criticamente a realidade à sua volta é uma tarefa urgente, pois é preciso apostar nas possibilidades de ir muito além da alfabetização.

Para a delimitação do tema encontramos alguma dificuldade tendo em vista que a questão da leitura é um assunto abrangente. Para desenvolver a análise, buscamos apoio teórico de alguns estudiosos e podemos dizer que o fato de termos vasta bibliografia e várias discussões atualizadas nesta área facilitou nosso trabalho.

Ao tomarmos como objeto a análise de alguns fatores que impedem a verdadeira formação de sujeitos leitores, faz-se necessário o estudo de alguns enfoques teóricos e para o desenvolvimento da referida análise da análise. Para

tanto nos embasamos na perspectiva de FREIRE, SILVA, KLEIMAN, CAGLIARI e outros nos quais apoiaremos o presente estudo.

Com base nestas discussões, buscamos conhecer como está o ensino de leitura nas escolas da rede pública estadual do município de Pontes e Lacerda/MT. Entretanto, devido à limitação de espaço e de tempo imposta pela natureza deste que é um ensaio monográfico, selecionamos apenas uma escola do município.

Para a organização do estudo além da apresentação inicial o presente ensaio possui quatro capítulos, no qual o primeiro trata da história da linguagem e do homem. Neste capítulo compreendemos as inúmeras transformações ocorridas no decorrer dos séculos, tanto na vida do homem quanto no campo da linguagem e desta forma verificamos o surgimento de inúmeras reflexões sobre a natureza da mesma.

O segundo capítulo aborda diversas concepções de leitura na perspectiva de vários autores, tendo em vista que este tema é bastante complexo. Não obstante, o terceiro capítulo trata especificamente da leitura na escola e pudemos perceber que, no âmbito escolar, apesar das inúmeras pesquisas realizadas alguns conceitos estão *enraizados*.

No quarto capítulo, verificamos as concepções de leitura de duas professoras e procedemos à análise dos dados obtidos, com base nos pressupostos teóricos, através de questionário direcionado as docentes.

A conclusão do presente estudo contempla e enfatiza a necessidade de desenvolver a capacidade do aluno em colocar em prática a subjetividade da leitura e a pluralidade dos sentidos.

Diante do tema proposto, o indivíduo leitor compreenderá que há implicitamente vários questionamentos no corpo deste objeto que ora apresentamos. Nossa proposta é buscar compreender e considerar, como vem ocorrendo o ensino de leitura na escola. Toda proposta de trabalho existe para ser questionada e avaliada, e assim compreendemos o lugar deste trabalho, e as avaliações que poderão ser feitas pelos leitores.

CAPÍTULO 1

A LINGUAGEM E O HOMEM

*A sociedade não é possível a não ser pela
língua: e, pela língua, também o indivíduo.*

Émile Benveniste

Podemos dizer que desde os tempos mais remotos o homem possui uma grande preocupação: adquirir mais e mais conhecimento. Nesta ânsia de se descobrir, comunicar, entender e sobreviver o homem transformou-se. Podemos então afirmar que dos sinais de fumaça à geração internet o homem criou e questionou cada centímetro que lhe coube.

A história da linguagem confunde-se com a do homem, pois pela linguagem se faz o mundo e não há um poder mais forte do que este. Somente através da palavra é que podemos compreender tudo aquilo a que chamamos de mundo.

Segundo CARVALHO (1987, p. 35), quando Aristóteles afirmou: *o que diferencia o homem do animal é a linguagem* estava se referindo à mediação simbólica que a linguagem *empresta* ao universo e tudo aquilo que as palavras trazem à existência. O mundo e sua totalidade (árvores, rios, pedras) só nos são compreendidos através desta organização em uma estrutura significativa, à qual somos inseridos através de nossa consciência simbólica.

Língua e sociedade fundem-se, implicam-se, um elemento necessita do outro, podemos afirmar que não há sociedade sem linguagem, nem linguagem sem sociedade. Todo o aparato simbólico, que é inerente ao ser humano, faz possível e mantém vivo o elo entre o homem, a língua e a cultura.

Portanto a linguagem é um sistema fundamental de signos organizados, de caráter social, embora só se concretize nos atos de fala produzidos por cada falante. A escrita e a fala são sistemas sóicos independentes que se comungam pela necessidade prática da comunicação. O homem, ao construir os meios próprios de sobrevivência, aprimorou seu senso de reflexão e interação social e durante o seu longo processo de evolução primeiramente descobriu a fala e os gestos para depois se aventurar no mundo da escrita.

Podemos afirmar que, especificamente neste século, ocorreram inúmeras transformações que mudaram nossas vidas. A ciência e a tecnologia inseridas na sociedade modificaram conceitos e podemos, dizer que a humanidade caminhou a passos largos. No campo da linguagem as mudanças não foram diferentes e logo após a Lingüística alcançar o status de ciência, foram inauguradas diversas possibilidades de estudos lingüísticos. As várias reflexões elaboradas com o passar dos anos foram proporcionando o surgimento de inúmeras vertentes a respeito da linguagem.

A vertente gramatical normativa, balizada pela concepção de linguagem como expressão do pensamento, e a vertente gramatical estruturalista, balizada pela concepção de linguagem como instrumento de comunicação, ambas ficam restritas às formas lingüísticas. A Nova Crítica contrapõe a vertente enunciativa, balizada pela concepção de linguagem como interação social, interessada nos usos, nas práticas lingüísticas.

De acordo com BRANDÃO (2000, P.16) no âmbito da Nova Crítica, a linguagem é vista como uma atividade constitutiva dos sujeitos. Quando *eu* e *tu* se relacionam pela linguagem verbal, eles não estão apenas *usando* a língua, mas estão *co-produzindo* a língua que lhes assegura a compreensão recíproca,

CAPÍTULO 2

AFINAL O QUE É LEITURA?

Ler é saber que o sentido pode ser outro.

Eni Pulcinelli Orlandi

Termos que usamos cotidianamente, dado ao constante uso e amplo emprego que fazemos deles, perdem a essência de seus significados. *Leitura* é um desses termos. Quando nos deparamos com a palavra *leitura*, a relacionamos primeiramente à decodificação da forma escrita. Mas decodificar não basta, há que se interpretar o que se lê. Portanto, *leitura*, em um primeiro momento, vem a significar decodificação e interpretação de uma mensagem representada pelo código escrito.

Nossa sociedade opera com esse conceito de leitura, tanto ao nível de senso comum, como institucional, incluindo-se aí a escola. No entanto, FREIRE nos diz que antes de lermos as palavras, já somos capazes de ler o mundo. Que significado tem o termo *leitura* nesse contexto? *O mundo*, segundo essa afirmativa, é algo que não está descrito em palavras, portanto *leitura*, nesse caso, não significa *decodificação e interpretação do código escrito*.

Assim pensar o conceito de leitura, é pensar em noções mais abrangentes, nas quais a capacidade de processar informação transmitida por uma combinação de formas de representação seja considerada. Os pressupostos teóricos sobre leitura vigentes na escola atual não permitem que se prepare o educando para as demandas de comunicação da sociedade moderna.

Diante do exposto perguntamos afinal o que é leitura? Qual seria a melhor definição para o ato de ler? Segundo HOUAISS (2001, p.273) *ler é decifrar e interpretar algo escrito, (...) atribuir sentido a, dedicar-se à leitura.*

Para KLEIMAN (1989, p.154) há a *recriação do significado* no ato de ler por meio do leitor que é ativo, que planeja, decide, coordena habilidades e estratégias, traz para o texto expectativas, informações, idéias, seleciona pistas significativas, formula ou até confirma hipóteses.

Segundo LAJOLO (1982, p.59) *ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto.* É a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, *entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela*, propondo outra não prevista.

ORLANDI, na sua observação acerca do caráter polissêmico da leitura, afirma que é possível distinguir os vários sentidos com que se toma a mesma. Numa das possibilidades a leitura pode ser vista como *atribuição de sentidos*. Por outro lado pode significar *concepção* ou simplesmente ponto de vista e é justamente nesse sentido que é utilizada quando se diz *leitura de mundo*.

A leitura pode ser um processo bastante complexo e que envolve muito mais do que habilidades que se resolvem no imediatismo da ação de ler. Segundo ORLANDI saber ler não é saber o que o texto diz e o que ele não diz, mas o que o constitui dando-lhe significados. Outra característica mencionada pela autora refere-se às diferentes formas de abordagem da leitura tratando de vê-la não somente como mera decodificação, ligando-a as muitas formas de linguagem.

Ao falar sobre *A importância do Ato de Ler* num trabalho apresentado na abertura do Congresso Brasileiro de Leitura, realizado em Campinas em novembro de 1981, Paulo Freire aborda além de outros assuntos, uma compreensão crítica do ato de ler. Para este autor a leitura não é apenas a decodificação da palavra escrita, mas vem precedida pela *leitura* do mundo que se constrói quando o ser humano começa a desenvolver a sua percepção deste mesmo mundo.

A respeito da relação que o leitor estabelece com o texto, FREIRE (1992, p.20) faz a seguinte afirmação: *A leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por certa forma de escrevê-lo ou reescrevê-lo, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente.*

Segundo FREIRE ler é tomar consciência. A leitura é antes de tudo uma interpretação do mundo em que se vive, mas não basta só ler é necessário também representá-lo por linguagem escrita. Falar sobre ele, interpretá-lo, escrevê-lo. Ler e escrever, dentro desta perspectiva é também se libertar.

Em sua obra *O que é Leitura?* Maria Helena Martins também ressalta a necessidade de formação do leitor de mundo, ou seja, aquele que decodifica e compreende as diferentes linguagens que fazem circular a cultura. Para tanto a autora explicita três níveis básicos de leitura: sensorial, emocional e racional lembrando que: *são a história, a experiência e as circunstâncias de vida de cada leitor no ato de ler, bem como as respostas e questões apresentadas pelo objeto lido no decorrer do processo, que podem evidenciar um certo nível de leitura.*

MARTINS, baseada na perspectiva de FREIRE, afirma que quanto mais o homem percebe-se, compreende-se no mundo, mais cresce sua

capacidade de aprendizagem. Dentro dessa concepção é fundamental a leitura de mundo de cada indivíduo, que deve dar sustentação à leitura da palavra.

O papel da escola, enquanto formadora de leitores, deveria ser o de apresentar o código escrito como *mais uma* forma de representação do mundo. As demandas sociais impostas ao homem moderno estão relacionadas a *saber buscar e processar informações; saber adquirir e transferir conhecimentos*. Essas informações e esses conhecimentos são adquiridos, principalmente, através da leitura. Esse homem moderno precisa aprender a *ler*, portanto, de maneira ampla, para saber processar, completamente, as informações com as quais tem contato em seu dia-a-dia.

Um conceito de *leitura* que contemple a multiplicidade da linguagem certamente estará mais próximo do significado de *leitura* do mundo, defendido por FREIRE.

No próximo capítulo poderemos verificar algumas concepções de leitura no âmbito escolar e as implicações de tais concepções para o processo educativo.

CAPÍTULO 3

A LEITURA NA ESCOLA

(...) Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (...).

Paulo Freire

A concepção de leitura da instituição escolar e a concepção de leitura de estudiosos da área, apesar das inúmeras pesquisas realizadas nos últimos anos, parecem estar mais distantes do que poderíamos imaginar no que diz respeito a práticas consolidadas. No entanto, no âmbito do ensino de leitura em português (língua materna) algumas mudanças são perceptíveis como, por exemplo, a própria composição dos Parâmetros Curriculares Nacionais no que diz respeito à diversidade de textos e a formação do leitor, que veremos mais adiante.

Percebemos, entretanto, que, na maioria dos casos, essas mudanças são superficiais e não conseguem modificar as concepções de leitura produzidas e enraizadas na instituição escolar. Ano após ano os alunos acabam tratando a leitura como sinônimo de recepção passiva de informações devido a práticas pedagógicas inadequadas.

Segundo CITELLI (1991, p.13) o problema parece residir, sobretudo, no modo de se encarar a linguagem, particularmente, em nosso caso, a de natureza verbal. Vista como unidade formal, a palavra *corre o risco de ser o objeto de estudo descritivo, metalingüístico, quando muito recebendo aportes interpretativos.*

Desta forma podemos dizer que a maior parte do tempo e do esforço despendidos por professores e alunos durante o processo escolar, nas aulas de língua portuguesa, é destinada ao aprendizado da metalinguagem de análise da língua.

A ênfase dada à decodificação do texto enquanto depositário de informações e à palavra enquanto unidade mínima de significado continua marcante na produção de leitura de grande parte dos alunos. Segundo KLEIMAN (2001, p.16) as práticas desmotivadoras provêm basicamente de *concepções erradas sobre a natureza do texto, da leitura e, portanto da linguagem*.

De acordo com a autora em questão, essas práticas são legitimadas e perpetuadas tanto dentro quanto fora da escola tendo em vista que a maioria dos concursos públicos e dos vestibulares exigem dos candidatos um conhecimento fragmentado e mecânico sobre a gramática.

Toda essa prática e artificialidade sobre o uso da linguagem segundo GERALDI (2000, p.89) compromete e dificulta a aprendizagem. O autor ainda ressalta que comprovar essa artificialidade é simples: basta observarmos a precária produção de redações, os exercícios de interpretação ou ainda a utilização de textos para o ensino de regras sintáticas e transmissão de informações. Segundo KLEIMAN (2001, p.17) *essas convicções estão baseadas numa concepção de saber lingüístico desvinculada do uso da linguagem* e acabam acarretando a formação de um leitor passivo ou até um não leitor.

FREIRE considera que: *o ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo*. Um texto sempre se refere a um determinado contexto: ele é em verdade, um elo de ligação para determinados aspectos da realidade. Desta forma não pode ser encarado como meio de transmissão de informações ou como um instrumento avaliativo.

Segundo GERALDI (2000, p.92) a partir de CHAUÍ, na leitura, *o diálogo do aluno é com o texto. O professor, mera testemunha desse diálogo, é também leitor, e sua leitura é uma das leituras possíveis.* Esse encontro, aproximando e fazendo interagir os referenciais evocados pelo texto e as experiências do leitor, aciona determinados atos da consciência. O leitor crítico, segundo FREIRE, movido pela intencionalidade de sua consciência, desvela os significados indicados pelo autor: ele reage, questiona, problematiza, aprecia com criticidade, à luz das experiências que possui em seu repertório.

Desta forma CAGLIARI, afirma que o principal papel atribuído à escola para a formação dos alunos está na leitura, e denota que a instituição precisa saber ensinar os alunos a ler. E aprender a ler é habilidade que exige da escola uma concepção nova de leitura que deveria proporcionar aos alunos a análise e a compreensão das idéias dos autores e possibilitar-lhes buscar no texto os elementos básicos e os efeitos de sentido.

SANTOS (2001:12) afirma que não basta à instituição escolar ensinar os códigos de leitura e escrita, como relacionar os sons às letras. É preciso tornar os estudantes capazes de compreender o significado dessa aprendizagem, para usá-la no dia-a-dia de forma a atender as exigências da própria sociedade.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) representam mudanças no ensino aprendido de língua portuguesa, e conseqüentemente na postura do professor da língua materna. De acordo com os PCNs, o ensino de português (língua materna) está calçado na *leitura* e produção de textos, visando formar cidadãos capazes de interagir em diferentes momentos. Nesta perspectiva, os PCNs sugerem que é

importante o leitor, conhecer os diferentes gêneros discursivos e os diversos tipos de textos:

Um leitor competente só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura de textos de fato, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente. Esse trabalho pode envolver todos os alunos, inclusive aqueles que ainda não sabem ler convencionalmente. (PCN, 54).

Dar asas à imaginação e à criatividade, segundo KLEIMAN (2001:15), é criar possibilidades de pluralidades de leituras que se tratam de ferramentas essenciais para o sucesso do trabalho: *um bom caminho é inundar os alunos com aquilo que eles não têm em casa: livros, jornais, revistas, material impresso de todo o tipo.*

Não obstante, é importante salientar que além da proposta de diversidade textual, é possível estabelecer a pluralidade das leituras assim como defendida na perspectiva de ORLANDI (2002: 87):

Quando me refiro à pluralidade das leituras não estou pensando apenas na leitura de vários textos, mas, sobretudo na possibilidade de se ler um mesmo texto de várias maneiras. Este é um aspecto fundamental do processo de significação que a leitura estabelece.

Podemos então observar que dentro dos PCNs encontram-se propostas que apontam a diversidade textual como uma das mais importantes estratégias para a prática de leitura. Cabe ao professor romper essas amarras e despertar em seus alunos o prazer de ler. E esse é o ponto básico para o sucesso do incentivo à leitura, segundo GERALDI. Não obstante salientamos que para formar leitores, devemos primeiramente ter paixão pela leitura para que se promova o resgate do prazer de ler que fora excluído do ambiente escolar.

Segundo MACHADO (2001:22) há dois fatores que levam uma criança a gostar de ler: curiosidade e exemplo. Por isso é fundamental o adulto mostrar o

interesse. Entretanto, num país em que o número de analfabetos é relevante sabemos que essa não é uma tarefa simples de ser realizada:

O peso da escola é muito maior aqui do que nos países mais desenvolvidos, onde as pessoas lêem mais. Como ainda não somos uma sociedade leitora, não podemos esperar que o exemplo venha de casa. A escola tem de entrar para quebrar esse ciclo vicioso, criando em seu espaço um ambiente leitor.

Neste ponto a interdisciplinaridade é fundamental, pois cabe a todos os professores a responsabilidade de instruir através da leitura e de desenvolver a capacidade de selecionar entre inúmeras informações aquelas que forem de maior interesse aos alunos.

CAGLIARI, a partir de FREIRE, ressalta que a reflexão sobre o ensino da leitura na escola é muito importante nos dias de hoje e ao mesmo tempo, nos esclarece que a leitura da palavra é precedida da leitura do mundo. Também enfatiza a importância crítica da leitura na alfabetização, colocando o papel do educador dentro de uma educação, onde o seu fazer deve ser vivenciado, dentro de uma prática concreta de libertação e construção da história, inserindo o alfabetizando num processo criador, de que ele é também um sujeito.

Com base nos estudos até aqui desenvolvidos e nos questionamentos levantados, no próximo capítulo, será explicitada a metodologia utilizada para a análise.

CAPÍTULO 4

A LEITURA NA CONCEPÇÃO DOS PROFESSORES

Ensinar a ler criticamente significa antes de mais nada, dinamizar situações em que o aluno perceba, com objetividade os dois lados de uma mesma moeda, ou, se quiser, os múltiplos lugares ideológico-discursivos que orientam as vozes dos escritores na produção de seus textos.

Ezequiel Theodoro da Silva

O propósito deste trabalho cujo caráter é investigativo é compreender como se dá o trabalho com a leitura na escola, e, a partir dos dados verificar se existem, no interior das práticas, fatores que impedem, no âmbito escolar, a verdadeira formação de sujeitos leitores e em caso positivo, tentar compreendê-los à luz das teorias.

Esta pesquisa foi realizada com duas professoras atuantes em uma escola pública do município de Pontes e Lacerda/MT. Não nos preocupamos com a quantidade de sujeitos colaboradores para este trabalho pois conforme Cavalcante (1990,p.43) e Cavalcante e Moita Lopes(1991) este fator não é relevante para garantir a validade da pesquisa.

Assim sendo, privilegiamos no presente trabalho, uma abordagem qualitativa dos dados que nos permite a discussão de grandes concentrações nas respostas e das exceções também presentes nos resultados.

Para a coleta de dados contamos com a colaboração de duas professoras de língua portuguesa que dividiam entre si as aulas oferecidas para as classes de 5ª série do ensino fundamental do período matutino e vespertino. Para a realização de nossa pesquisa, elaboramos um questionário, que foi direcionado às professoras.

Procederemos à análise dos dados obtidos na pesquisa por partes. Com o objetivo de preservar a identidade das entrevistadas, não citaremos o nome da escola e nem das professoras sendo estas nomeadas como professora 1 (P1) E professora 2 (P2).

Quanto ao grau de escolaridade a P1 concluiu seu curso superior em 1998 e logo após realizou uma especialização em Produção de Texto. Quanto à experiência profissional, ela declara que trabalha há dez anos na área de língua portuguesa e que sempre foi além de sua *formação usando a própria criatividade em sala de aula*. Quando interrogada a respeito do que significa o termo leitura, a mesma declara que *leitura é ler o mundo como um todo*.

No questionário da referida professora o que nos chamou a atenção foi o fato da mesma declarar que não se *prende ao livro didático* e que *sempre usa todo tipo de leitura*, aproveitando o *próprio aluno com aquilo que ele quer ler*.

Defender a importância do trabalho pedagógico com a diversidade textual não significa considerar que os alunos possam realizar todo tipo de atividade com qualquer tipo de texto. Segundo BRANDÃO é preciso ter critérios de seleção, considerando, por exemplo: a complexidade do texto, o nível de dificuldade da atividade em relação ao texto escolhido, a familiaridade dos alunos com o tipo de texto, a adequação do conteúdo à faixa etária e a adequação dos textos selecionados e da proposta de atividade às necessidades de aprendizagem dos alunos.

Não obstante a P1 além de não especificar qual a sua metodologia utilizada para trabalhar a leitura em sala, declara que não enfrenta obstáculos na leitura, pois segundo a mesma o melhor caminho para o sucesso da aula é *utilizar o que o aluno quer ler*.

Segundo BRANDÃO (2000, p.28) a prática pedagógica tem demonstrado que, quando se pretende trabalhar com a diversidade textual, para as situações em que se lê para os alunos, praticamente todo texto é adequado, desde que o conteúdo possa interessar, pois o professor atua como mediador entre eles e o texto. Mas se o texto se destinar à leitura feita pelos próprios alunos, é preciso considerar suas reais possibilidades de realizar a tarefa, para que o desafio não seja muito difícil.

Quando questionada sobre os fatores que impedem a verdadeira formação de sujeitos leitores, a P1 justifica sua prática pedagógica em virtude das imposições sofridas durante seu curso superior, acreditando que ao impor aos seus alunos o que ler estará prejudicando a formação de sujeitos leitores.

Sob o ponto de vista sócio-interacionista, no ensino de língua materna, toda prática pedagógica deve partir da palavra do aluno e da contra-palavra do professor. O objetivo, segundo GERALDI (1997, p.5) é fundamentar o ensino da língua materna a partir do conceito de interação como *espaço de produção de linguagem e de constituição de sujeitos*.

Desta forma o professor não é mais a fonte exclusiva do saber, assim como o aluno não é mais um objeto vazio a ser preenchido. E a sala de aula, segundo GERALDI (1998, p.21) é o espaço onde sujeitos portadores de diferentes saberes interagem, engendrando novos saberes:

São os saberes do vivido que trazidos por ambos — alunos e professores — se confrontam com outros saberes, historicamente sistematizados e denominados 'conhecimentos' que dialogam em sala de aula.

Concordamos com a visão de interação sob a ótica de GERALDI, mas verificamos através do questionário da P1 que o que ocorre em suas

aulas não é a cooperação e sim a falta de critérios estabelecidos para alcançar objetivos e promover a formação de sujeitos leitores.

A P2 concluiu seu curso superior em 1989 e declara que não fez nenhum tipo de especialização devido à falta de oportunidades. Afirma que trabalha na área de língua portuguesa há quinze anos e que sempre fez o possível para pôr em *prática toda teoria* por ela considerada *relevante*.

Quando interrogada sobre o que significa leitura a mesma afirmou acreditar que *a leitura é de suma importância, pois proporciona ao aluno uma visão crítica, clara e objetiva do mundo que o rodeia*.

A respeito do objetivo e da melhor maneira de trabalhar a leitura, a P2 declara que sabe que o *professor é um mediador* e que o mesmo deve trabalhar a *autoconfiança do aluno* para que o mesmo possa *melhorar seu potencial*.

Ao falar exatamente como trabalha a leitura em sala de aula a mesma declarou ter uma *visão tradicional* no tocante ao ensino e que sempre desenvolve em sala *métodos eternizados* pela escola como, por exemplo:

A partir de um texto é efetuada a leitura em voz alta com a participação de todos e depois escolho alguns alunos para que possam ler para toda a sala. Em seguida aproveito as estruturas gramaticais do texto e passo exercícios de substituição de palavras grifadas por sinônimos entre outras. (professora 1)

Notamos que a referida professora prolifera uma prática bastante comum, segundo KLEIMAN (2001, p.17) a de utilizar o texto como entidades discretas que têm um significado e funções independentes do contexto em que se inserem. Uma versão desta prática, revelada na leitura gramatical, é aquela em que o professor utiliza o texto para desenvolver uma série de atividades, analisando, para isso, a língua enquanto conjunto de classes, frases e orações.

Nesse tipo de abordagem, o texto é geralmente entendido, no espaço da escola, como *fonte ou pretexto para exploração das formas gramaticais isoladas do contexto* (Brandão, 2000: 17).

Desta forma ressaltamos que se o sujeito e a significação só se constituem no discurso, não se pode então pensar o ensino da língua a partir de atividades mecânicas de repetição e reconhecimento de estruturas (BRITO, 1997). A língua não é um código meramente destinado à transmissão da informação de um indivíduo a outro.

Trata-se de olhar a língua não como um sistema fechado, acabado *a priori*, mas como um sistema aberto, dinâmico que incessantemente se faz e refaz, da mesma forma que os sujeitos se tornam sujeitos pelo fato de interagirem uns com os outros numa história sempre renovada.

Não obstante a P2 declara que os maiores obstáculos encontrados são *a falta de interesse, falta de uma boa interpretação por parte dos alunos, falta de possibilidades de acesso a uma boa biblioteca, entre outros*. E finaliza ressaltando que esses são, segundo a mesma, os fatores que impedem a verdadeira formação de sujeitos leitores.

Notamos no questionário da P2 que há um descompasso entre a teoria e a prática, tendo em vista que durante seu trabalho com a linguagem o texto é sempre utilizado para ensinar o processo de transcodificação entre a linguagem oral e escrita.

A crença de que a leitura pode proporcionar ao aluno a ter *uma visão clara e objetiva do mundo que o rodeia*, não parece, entretanto, ecoar na

sua prática. Em sua descrição acerca do modo com que a mesma trabalha a leitura em sala, não verificamos, em momento algum, a possibilidade do texto se configurar como uma forma de interagir com o outro a propósito de finalidades que não a de facilitar o domínio da tecnologia da escrita.

Desta forma é compreensível que esta professora enfrente obstáculos com os alunos com relação à leitura como, por exemplo, *a falta de interesse e de interpretação*, tendo em vista que em sua prática pedagógica não realiza a função de despertar o interesse e o gosto pela leitura.

Constatamos que a P2 não torna possível a *mediação* citada pela mesma em virtude da série de automatismos de reconhecimento de palavras do texto com palavras idênticas. Segundo KLEIMAN (2001, p. 20) esta prática é considerada muito empobrecedora, pois está baseada numa concepção de leitura equivalente à atividade de decodificação.

Ressaltamos que, na perspectiva de KLEIMAN, esta prática dá lugar a leituras dispensáveis, uma vez que em nada modificam a visão de mundo do aluno. O resultado final é a formação de um pseudoleitor, passivo e disposto a aceitar a contradição e a incoerência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste trabalho, foi-nos possível compreender ainda que de modo um tanto superficial a complexidade do tema abordado e as dificuldades que surgem no âmbito escolar com relação ao ensino de leitura. Encontramos, porém, através desta pesquisa, caminhos que ao serem percorridos poderão nos levar a alternativas, construídas numa prática pedagógica consciente.

Verificamos, através dos teóricos pesquisados, a afirmação unânime em dizer que é possível o desenvolvimento da capacidade do aluno em colocar em prática a intersubjetividade e a pluralidade de sentidos, tornando-se assim um leitor competente.

Pudemos perceber que há, entre os educadores, uma preocupação cada vez maior em identificar e superar os obstáculos à aprendizagem. Não obstante, a análise apresentada, mostra que é necessário enfatizar as concepções de leitura no ambiente escolar, tornando possível a geração de reflexões e mudanças no tocante ao ensino e ao incentivo da mesma.

Tornar a prática pedagógica eficaz é necessário para que a escola contribua para a formação de cidadãos críticos. O ponto de partida para qualquer esforço de incentivo a leitura, segundo GERALDI (2000, p. 98) *é recuperar na escola e trazer para dentro dela o que dela se exclui por princípio: o prazer.*

Desta forma voltamos a ressaltar que o estímulo ao hábito da leitura deve ser uma constante, de que os métodos devem ser revistos e postos em prática efetivamente. Seja através de laboratórios de produção de texto onde os alunos produzam e leiam os textos que os outros colegas produziram, seja através da interação

escola-comunidade levando os alunos a conhecerem as bibliotecas, livrarias e até bancas de revistas, por que não?

Notamos que devido à extensão do termo leitura, as questões abordadas e levantadas não estão esgotadas. Fica como suporte para outros pesquisadores o presente ensaio monográfico que buscou apresentar algumas reflexões referentes a alguns fatores que impedem a verdadeira formação de sujeitos leitores, e com isso a possibilidade de que novos leitores venham com mais propriedade dar seqüência a este trabalho de pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubens. **Conceito de Literatura**. São Paulo: L&L, 1995.
- BENVENISTE, Emile. **Problemas de Lingüística Geral**. São Paulo: Martins, 1995.
- BRANDÃO, H. N. (org.). **Textos, gêneros do discurso e ensino**. São Paulo: Cortez, 1995.
- H. N. (coord.). *Aprender e ensinar com textos. (Gênero do discurso: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica)*. V. 1. São Paulo: Cortez, 2000, pp. 17-25.
- CAGLIARI, Luís Carlos. **Alfabetização e Lingüística**. São Paulo: S. Paulo, 1997.
- CARVALHO, de Castelar. **Para Compreender Saussure**. Rio de Janeiro: Presença, 1991.
- CAVALCANTI, M. C. & MOITA LOPES, Luiz Paulo (1991). **Implementação da Pesquisa em Sala de Aula de Línguas no Contexto Brasileiro**. In: *Trabalhos em Lingüística Aplicada*. (17). 133-144. Campinas.
- CITELLI, Adilson Odair. **Carências e Excessos**. In *Revista Educação*. Sessão Português Língua Estrangeira. Editora Segmento.
- CHAUÍ, Marilena. **O que é Ideologia?** São Paulo: Brasiliense, 1982.
- DUARTE JUNIOR, João Francisco. **O que é Realidade?** São Paulo: Brasiliense, 1984.
- FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1992.

_____**Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e Ensino: exercícios de militância e divulgação.** Porto Alegre, RS: Mercado de Letras, 1995.

HOUAISS, Antônio. **Mini Dicionário da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para leitura de mundo.** São Paulo: Ática, 1999.

KLEIMAN, Ângela. **Leitura: Ensino e Pesquisa.** Campinas, SP: Pontes, 1989.

_____**Oficina de leitura: teoria e prática**

MACHADO, Ana Maria. **A literatura deve dar prazer.** In Revista Nova Escola. Editora Abril, p. 15, 2001.

MARTINS, Maria Helena. **O que é Leitura.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

MARTINS, Maria Helena (org). **Questões de Linguagem.** São Paulo: Contexto, 1991.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso.** São Paulo: Pontes, 1987.

_____**Discurso e Leitura.** Campinas, SP: Cortez, 1999.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. **Ensino Médio/ Ministério da Educação,** Secretaria de Educação Média e Tecnológica – Brasília: MEC; SEMTEC, 2002.

PINTO, Virgílio. **Comunicação e Cultura Brasileira.** São Paulo: Ática, 1986.

SANTOS, Maria Ferreira. **Ler e Escrever de Verdade.** In Revista Nova Escola. Editora Abril, p. 22, 2001.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1999.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na Escola e na Biblioteca**. Campinas, SP: Papirus, 1986.

OBRAS CONSULTADAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes. **Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas**. Campinas: Pontes, 1993.

COX, Maria Inês Pagliarini. **O texto no cenário da alfabetização: as concepções e as práticas de uma professora**. Tese de Mestrado. Cuiabá, MT: UFMT, 2001.

OSAKABE, H. **Consideração em Torno do Acesso ao Mundo Da Escrita**. Campinas, SP: Pontes, 1990.

QUESTIONÁRIO

1. Qual a sua formação pedagógica?

Graduação em Letras em 1998 e logo após realizei uma especialização em Produção de Texto.

2. Há quanto tempo atua na área de língua portuguesa? Qual o motivo o(a) levou a atuar nessa disciplina?

Há 10 anos, assim que ingressei na universidade senti vontade de aplicar a teoria na prática. A formação acadêmica abria caminhos para que eu pudesse navegar, mas sempre fui além da formação usando a própria criatividade em sala de aula.

3. O que é "leitura" para você?

Leitura, para mim é ler o mundo como um todo, pois qualquer leitura tem um sentido e você faz a interpretação da mesma.

4. Para você qual melhor maneira de trabalhar a leitura em sala de aula e qual é o principal objetivo da mesma?

Cada profissional usa sua metodologia de trabalho, como já disse antes a leitura é ler o mundo como um todo, por isso nunca me preendi ao livro didático e sempre usei todo tipo de leitura, sempre aproveitei o próprio aluno com aquilo que ele quer ler.

5. Como você trabalha a leitura com seus alunos?

Nunca me preendi ao livro didático e sempre usei todo tipo de leitura, sempre aproveitei o próprio aluno com aquilo que ele quer ler.

6. Quais são os maiores obstáculos para os alunos com relação à leitura?

Não posso dizer que enfrentei obstáculo na leitura, pois você usando o que seu aluno quer ler o despertar da leitura quando você coloca direcionada ele nem sente e lê com prazer.

7. Para você quais são os fatores que impedem a verdadeira formação de sujeitos leitores?

E trabalhar com imposição, como em muitas disciplinas da minha formação que alguns professores jogavam apostila com 200 páginas e que não tinha nada a ver com minha prática em sala de aula, sinto que se fizer isso como o aluno vou impedi-lo de ser sujeito leitor. Temos que buscar o gosto pela leitura no sujeito para conseguirmos a verdadeira formação de sujeitos leitores.

Obs: mantida a grafia original.

QUESTIONÁRIO

1. Qual a sua formação pedagógica?

Somente terminei a graduação em letras em 1989, devido à falta de oportunidades.

2. Há quanto tempo atua na área de língua portuguesa? Qual o motivo a levou a atuar nessa disciplina?

Trabalho nesta área há quinze anos e sempre tive vontade de atuar como professora. Por isso sempre faço o possível para pôr em prática toda teoria relevante para meu trabalho.

3. O que é "leitura" para você?

A leitura para mim é de suma importância, pois proporciona ao aluno uma visão crítica, clara e objetiva do mundo que a rodeia.

4. Para você qual melhor maneira de trabalhar a leitura em sala de aula e qual é o principal objetivo da mesma?

O professor deve atuar como um mediado, pois há possibilidades importantes para trabalhar leitura com os alunos. Desta forma o professor deve desenvolver a autoconfiança do aluno visando à melhoria do potencial do mesmo.

5. Como você trabalha a leitura com seus alunos?

Eu sempre desenvolvo métodos eternizados pela escola e acredito que faço isso em virtude de possuir uma visão tradicional do ensino. Meus métodos são simples como por exemplo: a partir de um texto é efetuada a leitura em voz alta com a participação de todos e depois escolho alguns alunos para que possam ler para toda a sala. Em seguida aproveito as estruturas gramaticais do texto e passo exercícios de substituição de palavras grifadas por sinônimos entre outras.

6. Quais são os maiores obstáculos para os alunos com relação à leitura?

Falta de interesse, falta de uma boa interpretação por parte dos alunos, falta de possibilidades de acesso a uma boa biblioteca, entre outros.

7. Para você quais são os fatores que impedem a verdadeira formação de sujeitos leitores?

Para mim os obstáculos que citei anteriormente são os principais fatores que impedem a formação de sujeitos leitores.

Obs: mantida a grafia original.